

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Quando pentecostais encontram reformados.....11

INTRODUÇÃO

O porquê e o como deste livro15

1. COMO CHEGUEI ATÉ AQUI

Uma vida de confluência de Azusa com Genebra21

2. AFINAL, O QUE É UM CRISTÃO PENTECOSTAL?

As muitas vertentes do pentecostalismo e a necessidade
de arrumar a casa39

3. A ESSÊNCIA PENTECOSTAL

O que significa ser pentecostal?59

4. A ESSÊNCIA REFORMADA

O que significa ser reformado?.....79

5. AS DOCTRINAS DA GRAÇA

Como um reformado enxerga a salvação?93

6. OS CINCO *SOLAS*

Por que não somos católicos romanos?123

7. NEM TUDO É CALVINISMO

As distinções dentro da teologia reformada139

8. A HERMENÊUTICA REFORMADA	
Nossa leitura das Escrituras Sagradas como um todo	161
9. EM DEFESA DO CREDOBATISMO REFORMADO	
Quem é membro do povo da nova aliança?.....	177
10. BATISMO NO ESPÍRITO SANTO	
Uma doutrina que divide e une	197
11. DONS ESPIRITUAIS	
São possíveis ainda hoje?.....	215
12. A ALMA PENTECOSTAL REFORMADA	
Como tudo aponta para a glória de Deus?	239
BIBLIOGRAFIA	259

APRESENTAÇÃO

Quando pentecostais encontram reformados

Escrita pelo bispo Walter McAlister em coautoria com seu filho, pastor John McAlister, esta obra é um testemunho da vitalidade da fé reformada e ajuda a responder à pergunta sobre por que tantos pentecostais têm aderido a essa antiga e venerável tradição, que poderia ser mais bem descrita como “agostinismo reformado”, cujas origens remontam ao bispo africano Agostinho de Hipona, que tanto influenciou a fé cristã.

Este livro pode e deve ser lido como um testemunho da fé pregada, ensinada e celebrada na Igreja Cristã Nova Vida — nascida do ministério do bispo Roberto McAlister no Rio de Janeiro, em 1960 —, mas também como um guia para aqueles que quiserem saber o que é ser um “pentecostal reformado”. Os autores são claros e honestos em reconhecer que “há pontos de divergência inconciliáveis” entre pentecostais e reformados. O seu intento é, por assim dizer, diminuir a distância entre as duas tradições por meio de um cuidadoso estudo histórico e teológico.

Os autores, com muito tato, deixam claros os seus alvos neste livro:

- 1) entender o que é propriamente um pentecostal e o que é o pentecostalismo, ou pelo menos o que ele se tornou ao longo desses últimos cem anos;

- 2) entender a diferença entre pentecostal e neopentecostal, e entre pentecostal e carismático;
- 3) mostrar qual foi seu ponto de partida ao abraçar a teologia reformada;
- 4) explicar o que é absolutamente imprescindível para alguém poder se declarar reformado;
- 5) explicar o que não necessariamente significa ser reformado, mostrando as distinções existentes dentro da tradição reformada;
- 6) trabalhar alguns pontos de convergência, de divergência e de redefinição entre as tradições reformada e pentecostal;
- 7) mostrar como a Reforma protestante nos força a repensar certos conceitos, doutrinas e práticas pentecostais;
- 8) finalmente, mostrar como o pentecostalismo contribui para o mundo evangélico e reformado.

Para aqueles que são críticos do movimento pentecostal, os capítulos 2 e 3 serão de imensa ajuda para entender as diferenças, nuances, distorções e divisões ocorridas nesse movimento.

Os capítulos de 4 a 8 são uma apresentação da tradição reformada, dando especial atenção a algumas distinções dentro dessa tradição. Os autores destacam e reforçam que um dos principais elementos de distinção entre o protestantismo e o catolicismo romano é a soteriologia reformada — o que lembra que o arminianismo é um tipo de “protestantismo sem reforma”.

O capítulo 10 trata do que pode ser considerado o elemento diferenciador da teologia e da espiritualidade pentecostal: a noção de que a vida cristã é caracterizada por dois estágios, ou seja, que “o batismo no Espírito Santo é [...] uma experiência posterior à conversão a Cristo, de aprofundamento espiritual”. Esse capítulo pode ser surpreendente para muitos, e não quero estragar a surpresa. Portanto, leia-o!

Além disso, este livro também é um testemunho de como muitos de nós chegaram à fé reformada em meio a uma crise de fé. No caso dos autores, essa crise os levou em busca de fontes bíblicas e teológicas que pudessem ajudá-los a compreender o que eles percebiam como erros nos círculos pentecostais.

Esta obra que o leitor tem em mãos não é para aqueles que estão prontos a rotular de herética qualquer divergência teológica em relação ao seu ponto de vista e, portanto, não conseguem distinguir entre heresia e erro. Também não é uma obra para aqueles que acham que a tradição reformada é uma estrutura teológica monolítica e não existem diferenças de ênfases, métodos e mesmo de doutrinas não essenciais nessa comunidade.

Mesmo aqueles que não concordam com todas as premissas defendidas pelos autores precisarão lidar com esta obra por causa de seu ineditismo. O texto é claro, direto, ponderado, muito bem documentado, e seu tom irênico é semelhante ao de uma conversa pessoal e pastoral.

Em suma, é leitura necessária e imprescindível em época de dicotomias e polarizações passionais, mesmo entre os evangélicos.

“Deus não é Deus de desordem, mas, sim, de paz” (1Co 14.33).

FRANKLIN FERREIRA,
pastor da Igreja da Trindade, em São José dos Campos, SP,
e diretor e professor de Teologia Sistemática
e História da Igreja no Seminário Martin Bucer,
na mesma cidade

INTRODUÇÃO

O porquê e o como deste livro

Por muitos anos costumava pular a introdução e ir diretamente para o primeiro capítulo dos livros que lia. Imagino que muitos façam a mesma coisa por achar que a introdução tenha apenas alguns comentários e agradecimentos sem importância para o leitor. Presumo que os agradecimentos de fato não sejam relevantes para o leitor, mas somente para mim e para os que ajudaram a produzir este livro. Todavia, há comentários que eu e John consideramos importantes e que, segundo cremos, também o ajudarão a ler este livro e a compreendê-lo melhor.

Começemos, portanto, pelo que talvez seja do interesse de todos. Este livro é a quitação de uma dívida, assim como o resumo de mais de vinte anos de estudo, luta e reflexão. Foram necessários cada um desses anos todos para chegar ao ponto de poder reunir em um só lugar o resultado da dialética entre a tradição pentecostal — na qual nasci, cresci e fui ordenado ao ministério — e a tradição reformada, que me deu uma matriz segura, uma teologia robusta e um referencial para reavaliar muitos conceitos que me incomodavam em minha tradição de origem. Assim como fiquei em crise com meu pentecostalismo, sei que há muitos que compartilham dessa inquietação que me levou de volta ao estudo. Tenho recebido inúmeros pedidos de conselho e principalmente de recomendação de livros sobre o que significa o termo “pentecostal reformado”. Nunca pude recomendar um livro que tratasse especificamente do tema. Ao longo dos anos, tenho lido centenas de livros e nenhum

deles aborda tudo o que este volume contém. Por isso, de certo modo, senti-me no dever de compartilhar um resumo do meu trabalho de pesquisa. Vi a necessidade de escrever principalmente para pentecostais em crise, de elaborar um roteiro que pudesse ajudá-los a navegar pelas águas densas da teologia reformada sem terem de negar tudo o que receberam de seus pais na fé.

Que há muitos pentecostais buscando uma teologia mais robusta e mais histórica, não há dúvida. Louvo a Deus pelo que estamos presenciando em nossos dias! Confesso nunca ter esperado que isso acontecesse. Muitos líderes tradicionais da tradição reformada estão impressionados com o crescente interesse entre os pentecostais pela teologia de Calvino, Owen, Edwards, Stott, Packer, Piper, Sproul e Washer. Mas engana-se quem imagina que esses navegantes estejam dispostos a abandonar tudo o que viveram na igreja da sua juventude. Eles, assim como eu, têm em sua criação e história pentecostal muitas coisas que não estão dispostos a abandonar, pois são verdadeiras e preciosas. Não vamos simplesmente lançar tudo ao mar e começar de novo. Não vamos nos fazer órfãos para depois buscar adoção numa nova linha teológica que, em muitos arraiais, despreza as nossas tradições pentecostais.

Sem sombra de dúvida, nós, pentecostais, temos lá nossos problemas. Mas nem por isso somos histéricos ou desmiolados. Há verdadeiros heróis da fé entre os nossos ancestrais, assim como grandes líderes, mestres e teólogos pentecostais de destaque em décadas mais recentes, como Donald Gee, Stanley Horton, Vinson Synan, William e Robert Menzies, Jack Hayford, Gordon Fee e Craig Keener, sem esquecer dos nossos aqui no Brasil, como Paulo Macalão e meu pai Roberto McAlister, entre tantos outros. Assim, temos pontos positivos em nossa tradição, e por isso o fiel que recebeu o dom de línguas não está disposto a simplesmente descartar essa dimensão da sua vida de oração, rotulando-a de histerismo ou balbucios acéfalos. Tampouco estamos dispostos a negar que um dia fomos curados milagrosamente mediante a

oração da fé, ou que participamos da expulsão de um espírito maligno, ou de um mover sobrenatural do Espírito Santo que nos deixou de joelhos, orando até o sol raiar. Essas coisas são reais e não seremos dissuadidos disso em nome da boa teologia. Afinal de contas, a boa teologia não anula essas manifestações. Pelo contrário, a boa exegese nos leva a afirmá-las sem receios.

A despeito desses pontos positivos, reconhecemos que o movimento pentecostal moderno não anda bem. Já tendo passado dos cem anos de idade, o estado de saúde da nação pentecostal em nossos tempos inspira cuidados. Notam-se sinais de abusos, títulos, práticas e doutrinas que em nada se relacionam com as Sagradas Escrituras, a despeito dos milhões de convertidos sob a sua influência e do enorme bem que possam ter trazido a outras parcelas da igreja. Como então separar o joio do trigo? Por onde começar?

Foi a partir desses questionamentos que nasceu a ideia deste livro. Ele foi escrito, a princípio, para a família da Igreja Cristã Nova Vida, denominação que lidero na qualidade de bispo primaz, ou seja, pastor regente.¹ Toda terça-feira de manhã eu me reúno com os missionários, pastores e bispos da denominação que estão ao alcance da nossa sede nacional, no Rio de Janeiro, para compartilhar a Palavra de Deus e encorajá-los no ministério pastoral, enquanto os demais nos acompanham à distância pela internet. Ao longo dos anos, eles têm sido os primeiros com quem tenho compartilhado boa parte do que está contido aqui. Esse esforço, porém, não tem sido sistemático; afinal, trata-se de uma obra em progresso, de uma dialética que não nasceu pronta. Os pastores têm sido pacientes comigo. Inicialmente os conceitos aqui contidos representaram um enorme desafio e até motivo de

¹Em maio de 2008, o Colégio de Bispos de nossa denominação ratificou a mudança do nosso nome de Igreja Pentecostal de Nova Vida para Igreja Cristã Nova Vida. O texto do comunicado oficial dessa mudança encontra-se disponível na íntegra no link: <http://www.icnvcatedral.com.br/novo/ipnv-ou-icnv/>, acesso em: 22 mai. 2018.

consternação para muitos líderes. Batiam de frente com o que críamos, embora talvez nem soubéssemos articular como viemos a formar o que antes chamávamos de “teologia da Nova Vida”.²

Sou grato pela paciência e fidelidade dos bispos que me apoiaram e dos pastores que ficaram a meu lado. Alguns poucos não reagiram bem e nos deixaram. Não os recrimino por isso. O Espírito Santo coloca cada membro em seu lugar e no arraial que Deus quer. Por isso, vejo a mão de Deus na permanência de cada um que ficou conosco, assim como na saída de cada um que se foi. À luz dessa trajetória, este livro será uma referência da teologia defendida e ensinada hoje em nossa denominação. No futuro, peço somente que ele seja sempre examinado à luz da Bíblia, para que, caso se note qualquer divergência com a Palavra de Deus, também tenhamos sempre abertura e coragem para repensar e modificar o que for necessário.

Este livro, contudo, também responde à pergunta que já me fizeram inúmeras vezes nesses últimos anos: “Que livro você recomendaria para quem quisesse entender o que é um pentecostal reformado?”. Hoje, eu diria: este livro. Para o pentecostal ou o neopentecostal que quer saber como transitar pelas máximas da teologia reformada sem ter de negar tudo o que já aprendeu e experimentou de sua herança pentecostal, este livro é ideal. Ele o ajudará a navegar pelas águas conturbadas dos inúmeros argumentos lançados pelos “teólogos de internet”, que mais confundem do que esclarecem e que, frequentemente, geram um festival de brados desinformados por parte de pessoas que imaginam saber muito mais do que realmente sabem. Espero que a reflexão

²Para conhecer a Nova Declaração de Fé e Prática da Aliança das Igrejas Cristãs Nova Vida, ratificada em agosto de 2015, confira: <http://www.icnv.com.br/conheca-a-icnv/declaracao-de-fe/>, acesso em: 13 jul. 2018. Para um breve relato sobre a trajetória histórica e teológica da nossa denominação, desde seu fundador até os dias presentes, confira a minha obra *Neopentecostalismo: a história não contada: quem foi Roberto McAlister, conhecido como o pai desse movimento* (Rio de Janeiro: Anno Domini, 2012).

contida neste livro possa ajudá-los a compreender um pouco melhor as coisas e lhes apontar um caminho mais claro e seguro em sua jornada de fé.

O livro pretende ajudar também na definição de termos, ou seja, fornecer um vocabulário e uma gramática apropriada, e assim promover um pensamento mais lúcido sobre o pentecostalismo reformado. Incentiva, ainda, a adoção de uma lógica teológica para poder destrinchar os argumentos falaciosos que acabam nos tornando reféns e nos levando a extremos. Finalmente, espero que, uma vez tendo adquirido uma gramática e uma lógica teológicas, o leitor alcance a capacidade de falar a respeito da sua fé, ou seja, ganhe uma retórica teológica.

Este livro foi escrito com grande preocupação pelo rigor acadêmico, ou seja, pelas credenciais necessárias para fundamentar argumentos e referenciar fontes para os que queiram se aprofundar no assunto. Portanto, ele está dividido em duas partes: *texto principal* e *texto em notas de rodapé*. O texto principal, de maior tamanho, é o que todos precisam ler. Procurei escrevê-lo de forma simples e acessível a todos. Recomendo que primeiro leiam esse texto de ponta a ponta. Nas notas de rodapé, o leitor encontrará detalhes sobre pessoas mencionadas no texto principal, definições de termos teológicos, históricos e filosóficos, além de referências bibliográficas — isto é, outros textos em que o leitor poderá encontrar bem mais informações sobre determinado assunto do que conseguimos expor resumidamente neste livro. Tais referências incluem artigos, livros e até sites na internet. Ao longo desses anos, tenho lido tanta coisa, que chego a esquecer onde as li pela primeira vez. Para isso, contamos com a ajuda preciosa de Gabriel Carvalho, colaborador e pesquisador de muitas das notas de rodapé e das informações adicionais nelas contidas. Além disso, recebi a contribuição crítica de Martin Weingaertner, que fez observações importantes para a integridade do texto, pelas quais sou grato.

Também contei com a ajuda do meu filho mais velho, John McAlister. Ao longo do projeto, contudo, sua ajuda foi se avolumando. Além de verificar referências, acrescentar mais fontes dignas de estudo adicional e aprofundar e opinar sobre o conteúdo, ele acabou escrevendo dois capítulos inteiros, além de acrescentar e até reescrever boa parte de vários outros. Sua participação fez deste livro uma obra muito melhor do que teria sido sem a sua ajuda. Por isso, não poderia deixar de compartilhar a autoria com ele, pois, de fato, seu trabalho assumiu a proporção de coautoria.

Sou grato, ainda, pelo apoio e trabalho do meu filho mais novo, Andrew McAlister, um dos grandes incentivadores deste projeto. Seu apoio pessoal foi imensurável. Também sou grato por Marta, minha esposa, que, ao longo desses anos de jornada, foi uma guerreira de oração e um apoio imprescindível, especialmente no período em que estudei no Reformed Theological Seminary, assim como durante os conflitos que assolaram a nossa denominação nos primeiros anos de meu episcopado, após a morte de meu pai, o fundador da denominação que hoje lidero.

Acima de tudo, reconheço quanto Deus foi e tem sido fiel e misericordioso para com este miserável pecador. Não fosse por seu sustento e sua direção, certamente me perderia e nada disto viria a se realizar. Por sua graça e seu amor fiel, tenho motivos de sobra para exaltá-lo e bendizer seu santo e precioso nome por toda a eternidade. A ele seja toda a glória para todo o sempre.

WALTER McALISTER

Rio de Janeiro

Setembro de 2018

COMO CHEGUEI ATÉ AQUI

Uma vida de confluência de Azusa com Genebra

Ao redor do mundo há um movimento que está trazendo um número imenso de cristãos de volta às doutrinas da graça.¹ Há poucos anos, a revista americana *Time* declarou que uma das dez ideias mais relevantes da atualidade é o ressurgimento do calvinismo.² Em grande parte, isso se deve à influência de pregadores e mestres de grande projeção, como John Piper,³ Albert Mohler,⁴

¹Para um breve relato sobre a jornada de muitos jovens evangélicos nessa direção, confira Collin Hansen, *Young, restless, Reformed: a journalist's journey with the New Calvinists* (Wheaton: Crossway, 2008). Para uma apresentação acessível sobre esse conjunto de doutrinas, confira as obras de James Montgomery Boice; Philip Graham Ryken, *As doutrinas da graça: resgatando o verdadeiro evangelho* (São Paulo: Vida Nova, 2017) e John Piper, *Cinco pontos: em direção a uma experiência mais profunda da graça de Deus* (São José dos Campos: Fiel, 2014). No capítulo 5, faremos uma breve apresentação dessas doutrinas referentes à visão reformada da salvação.

²“10 ideas changing the world right now”, *Time Magazine* 173, n. 11 (Mar. 23, 2009).

³John Stephen Piper é pastor batista americano, nascido em 1946. Fundador do ministério Desiring God, foi líder da Bethlehem Baptist Church por 33 anos e é autor de mais de 50 livros cristãos.

⁴Richard Albert Mohler Jr. é teólogo batista americano, nascido em 1959. Presidente do Southern Baptist Theological Seminary em Louisville, Kentucky, escreveu ou editou mais de 10 publicações teológicas.

Timothy Keller,⁵ R. C. Sproul,⁶ D. A. Carson⁷ e muitos outros. Na última assembleia geral da Comunhão Reformada Mundial,⁸ fui informado de que os três países que mostram um crescimento extraordinário nas doutrinas da graça são a África do Sul, a Austrália e o Brasil.⁹

Assim, o movimento de volta à teologia reformada¹⁰ é fato indiscutível, para consternação de muitos e para alegria nossa. Esse movimento torna-se ainda mais interessante ao constatar que é, em grande parte, impulsionado pela internet — o que, em contrapartida, gerou muita confusão em torno de termos empregados e da clareza sobre o que exatamente significam os conceitos em debate. Muitos se chamam “reformados” porque passaram a crer na doutrina da predestinação. Outros acham que o termo se refere apenas a um modo mais civilizado de cultivar a Deus. Ainda outros resumem tudo ao presbiterianismo ou, até mais restritamente, a uma releitura do puritanismo.¹¹

⁵Timothy J. Keller é pastor e teólogo presbiteriano americano, nascido em 1950. Fundador da igreja Redeemer Presbyterian Church, em Nova York, escreveu mais de 20 livros, entre eles o best seller do *New York Times* *A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus*, tradução de Regina Lyra (São Paulo: Vida Nova, 2015).

⁶Robert Charles Sproul (1939-2017) foi um teólogo americano. Fundador do Ligonier Ministries e prolífico escritor, escreveu mais de 150 títulos.

⁷Donald Arthur Carson é um teólogo canadense, professor de Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, Illinois. É autor de mais de 50 livros e comentários bíblicos.

⁸A World Reformed Fellowship é uma organização internacional que visa a reunir igrejas e denominações que se identificam como reformadas, tendo como missão promover o entendimento, a cooperação e a troca de informação e recursos entre seus membros para o avanço do evangelho. Para mais informações, acesse www.wrfnet.org.

⁹Quarta Assembleia Geral da World Reformed Fellowship, ocorrida de 23 a 27 de março de 2015, em São Paulo, SP, sob o tema “Teologia Reformada e a Missão de Deus no Século 21: Questões Críticas Enfrentadas pela Igreja”.

¹⁰Para quem está à procura de uma apresentação acessível, confira as obras de Hermisten Maia Pereira da Costa, *Fundamentos da teologia reformada* (São Paulo: Mundo Cristão, 2007) e Joel Beeke, *Vivendo para a glória de Deus: uma introdução à fé reformada* (São José dos Campos: Fiel, 2010).

¹¹O puritanismo é uma concepção da fé cristã estabelecida na Inglaterra do século 17 que teve como característica principal a busca pela pureza no culto e na vida cristã. Alguns expoentes desse movimento foram John Owen, Richard

Meu encontro com as doutrinas da graça começou há mais de vinte anos. Na época, experimentei uma crise de fé que me levou a buscar fontes que me ajudassem a compreender o que me parecia errado nos círculos pentecostais, mas não sabia explicar bíblica e teologicamente.

Por trilhar essa estrada há duas décadas, tenho sido considerado um pentecostal “diferente”. No início fui duramente criticado por haver me tornado um “calvinista”. Alguns nem sequer me reconhecem como pentecostal. Por isso, é cabível que eu me apresente para os que não me conhecem, mostrando quanto sou “pentecostal” e quanto posso afirmar ser, igualmente, “reformado”.

Minhas credenciais pentecostais têm raízes históricas. Meu avô materno foi o primeiro homem branco a entrar na pequena igreja de negros na rua Azusa,¹² em Los Angeles, igreja reconhecida por muitos como o nascedouro do movimento pentecostal moderno.¹³ A. G. Garr,¹⁴ meu avô, foi um pastor americano de ascendência alemã, oriundo da tradição *holiness*,¹⁵ que teve algo que todos identificaram

Baxter e John Bunyan. Para saber mais sobre o assunto, consulte: Martyn Lloyd-Jones, *Os puritanos: suas origens e seus sucessores* (São Paulo: PES, 1993); J. I. Packer, *Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã* (São José dos Campos: Fiel, 1996); Leland Ryken, *Santos no mundo: os puritanos como realmente eram* (São José dos Campos: Fiel, 1992); Joel Beeke; Mark Jones, *Teologia puritana: doutrina para a vida* (São Paulo: Vida Nova, 2016).

¹²Nome do logradouro do edifício que abrigava os cultos e em que teve início o pentecostalismo moderno. Desde esse momento, seu nome tem sido usado como sinônimo do movimento pentecostal.

¹³Para uma breve história do movimento pentecostal moderno, confira o artigo de Alderi Souza de Matos, “O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário”, *Fides Reformata* XI, n. 2 (2006): 23-50, disponível em: <http://www.mackenzie.br/6982.html>, acesso em: 27 mar. 2018.

¹⁴Para saber mais sobre A. G. Garr (1875-1944) e sua participação em Azusa Street, consulte http://enrichmentjournal.ag.org/200602/extra_Garr.cfm, acesso em: 27 mar. 2018, e <http://www.azusastreet.org/ParticipantGarrAG.htm>, acesso em: 27 mar. 2018.

¹⁵O *holiness movement*, ou “movimento de santidade”, surgiu no século 19 com uma proposta de vivência cristã avivada e de profunda busca pela santidade, alinhada à doutrina da inteira santificação esboçada por John Wesley.

como “a experiência pentecostal”. Tornou-se o primeiro missionário do movimento para a Índia, em 1906. No Oriente, sua primeira esposa e filha morreram de malária. Ao voltar para a América, casou-se com a minha avó, filha de um de seus melhores amigos e também pioneiro no ministério pentecostal, o reverendo R. L. Erickson.¹⁶

Do lado paterno, meu trisavô, James McAlister, foi presbítero na Igreja Livre Escocesa Presbiteriana do Canadá. Seu filho, R. E. McAlister,¹⁷ foi o primeiro canadense a visitar a igreja da rua Azusa, onde conheceu a dimensão pentecostal da plenitude do Espírito Santo. Juntou-se a outros colegas e foi um dos fundadores das Assembleias Pentecostais do Canadá.¹⁸ Seu irmão, que já exercia o ministério na Igreja Metodista Wesleyana do Canadá, juntou-se à nova denominação, tendo também passado pela experiência pentecostal.

John McAlister, meu bisavô, teve três filhos: Harvey, Hugh e Walter (meu avô). Harvey e Hugh foram evangelistas pentecostais e eram conhecidos por sua fé na oração pelos enfermos. Segundo meu pai, Harvey chegou a esvaziar uma colônia de leprosos nas Filipinas, pois todos foram curados num só fim de semana, durante sua ministração.¹⁹ Walter começou cedo no

¹⁶Pastor americano de Chicago que viveu no fim do século 19 e início do século 20, empreendendo cruzadas de evangelização com seu genro, A. G. Garr. Algumas de suas publicações e sermões podem ser vistos em: <http://ifphc.org/index.cfm?fuseaction=search.morePeriodicalsByCreator&SearchCriteria=Erickson%2C%20R.%20L.&PeriodicalsToSearch=1%2C8%2C12%2C11%2C13%2C10&referrer=search.morePeriodicalsBySubject>, acesso em: 27 mar. 2018.

¹⁷Robert Edward McAlister (1880-1953) foi pastor e evangelista canadense. Criado numa família presbiteriana, integrou-se ao movimento *holiness* antes de descobrir a experiência pentecostal na Rua Azusa. É considerado o primeiro canadense a integrar o movimento pentecostal.

¹⁸Atualmente é considerada a maior denominação evangélica do Canadá. Para mais informações, consulte <http://www.paoc.org>, acesso em: 27 mar. 2018.

¹⁹Para mais informações sobre a ênfase de cura no ministério de Harvey McAlister, consulte http://endtime.is/TVH/1950_NOVEMBER.pdf, p. 7, acesso em: 27 mar. 2018, e http://ifphc.org/pdf/PentecostalEvangel/1950-1959/1955/1955_01_09.pdf, p. 2, acesso em: 27 mar. 2018.